

NOTAS SOLTAS

● Foi com a maior apreensão que o Conselho Internacional dos Arquitectos de Língua Portuguesa (CIALP) encarou a grave situação de instabilidade que tem vindo a atingir a Guiné-Bissau e naturalmente os seus arquitectos. Ficou a União dos Arquitectos da Guiné-Bissau (UAGB) sem actividade, pela saída do país de parte importante dos seus membros, designadamente do seu Presidente, arquitecto Domingos Fernandes Gomes e do seu Secretário arquitecto Fernando Teixeira. Ficou também o CIALP sem quaisquer contactos com o país, com a igual saída do Vice-Presidente da sua Junta Directiva, igualmente o arquitecto Domingos Fernandes Gomes e dos seus dois Delegados, nomeados para o efeito pela UAGB. Independentemente da solidariedade que a Junta Directiva envia a todos os colegas guineenses, foram feitos de Lisboa, atendendo ao elevado número de colegas que nesta cidade se refugiaram, inúmeros contactos, alguns proveitosos, com diversas instituições públicas e privadas, no sentido de minorar a situação precária desta sua estadia forçada. Neste sentido, o Presidente e o Vice-Presidente do CIALP foram recebidos na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) pelo seu Secretário Executivo, Dr. Marcolino Moco, audiência essa que permitiu também a abordagem

de outros assuntos, designadamente sobre a política de vistos nas deslocações dos arquitectos nos países de língua portuguesa e ainda de projectos em curso no CIALP.



Arquitectos Domingos Fernandes Gomes e José Silva Carvalho na sede da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa em Lisboa

● Das comunicações recentes que têm chegado à sede deste Conselho, tiveram particular importância, pelo empenho no fortalecimento do CIALP, a do colega angolano António Gameiro, Secretário Geral do CIALP, do colega moçambicano Jaime Comiche e do colega caboverdiano Franklim Tavares.

● Houve igualmente em Lisboa significativas reuniões com o Director Administrativo do Departamento do Rio de Janeiro do Instituto dos Arquitectos do Brasil (IAB), colega Fernando Gato e ainda com os colegas são-tomenses Nora Rizzo e João Carlos Silva, que propuseram o apoio do CIALP à 2ª Bienal de Arte e Cultura de São Tomé, com a divulgação e participação no Seminário subordinado ao tema "Arquitectura Colonial". Sobre este assunto, informações mais concretas serão dadas quando o respectivo programa estiver completado e confirmado. Na sua passagem por Lisboa e pela sede do CIALP, a colega Maria dos Anjos Rosário abordou as dificuldades que têm surgido para a formação de uma associação profissional de arquitectos em Moçambique, mostrando-se no entanto, tal como o colega Jaime Comiche, optimista na sua ultrapassagem. Tendo havido em Assembleia Geral anterior do CIALP, uma pré-candidatura de Moçambique para a realização no ano 2000 em Maputo, do 8º Encontro CIALP, seria interessante que a perspectiva da realização de tal encontro, acelerasse esse esforço associativo dos colegas moçambicanos. Coloca-los-ia assim em idêntica situação com todos os restantes países de língua portuguesa com excepção dos colegas são-tomenses, que não terão ainda um suficiente corpo de arquitectos que justifique a sua representação. É portanto animador o empenhamento dos colegas Maria dos Anjos Rosário e Jaime Comiche, ambos com créditos firmados no panorama profissional do seu país.

● Notícias muito recentes do colega Carlos Marreiros, Presidente da Associação dos Arquitectos de Macau (AAM), reiteraram o propósito da realização do 7º Encontro CIALP de Macau em Junho do próximo ano, propiciando a possibilidade aos membros deste Conselho Internacional, de participarem no XX Congresso da UIA de Beijing (Pequim) na China, que se realiza no mesmo período. Para conhecimento de todos os colegas, junto se anexa a constituição dos

novos corpos sociais eleitos recentemente para os órgãos sociais da AAM e da Direcção Nacional do IAB.

● É enfim nesta altura da transformação em Portugal da sua Associação em Ordem dos Arquitectos, que se continua a caminhar, na lenta consolidação do CIALP, que todos vimos construindo desde 1991 e que progressivamente vai favorecendo a criação em todos os países, de oportunidades e condições condignas para a afirmação do exercício da profissão.

*José Silva Carvalho, arquitecto
Presidente do CIALP*

NOVOS ÓRGÃOS SOCIAIS DA AAM 1998/2000

● MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente José Celestino da Silva Maneiras, Secretário Vicente Manuel da Luz Bravo Ferreira e Suplente Raquel Maria da Cunha Ferreira.

● DIRECÇÃO

Presidente Carlos Alberto dos Santos Marreiros, Vice-Presidente Eddie Wong, Vogais Choi Tin Tin, Chan Kin T'Chi, Mok Kai Kong, Cheang Kun Wai, Tam Chi Wai, Chan Ca Tong, Carlos Alberto Caçorino da Palma Baracho, Mário Filipe Penetra Neves, José Gabriel de Oliveira Diogo e Suplentes Mário Paulo da Silva Duarte Duque e Loi Sai Hin.

● CONSELHO FISCAL

Presidente Nuno Maria Roque Jorge, Secretária Maria da Conceição Dias Perry da Câmara e Suplentes Adalberto Júlio dos Santos Tenreiro e Francisco António Lopes do Rego Viseu Pinheiro.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS DE MACAU Rua Sacadura Cabral, 16-1ºF

Caixa Postal 3091 / Macau

Tel. 00853522736. Fax. 00853522735

NOVA DIRECÇÃO NACIONAL DO IAB

Presidente Nacional: arq. Carlos Maximiliano Fayet

Vice-Presidente Nacional: arq. Haroldo Pinheiro Villar de Queiroz

Secretário Geral: arq. Irineu Breitman

Diretora Administrativa: arq. Maria Fátima Beltrão

Diretor Financeiro: arq. Sérgio Saffer

Diretora Cultural: arq. Lais Salengue

Vice-Presidente da Região Norte: arq. Roger de Souza Abraham

Vice-Presidente da Região Nordeste: arq. Napoleão F. da Silva Netto

Vice-Presidente da Região Sudeste: arq. Luiz Fernando de A. Freitas

INSTITUTO DOS ARQUITECTOS DO BRASIL

Rua Professor Annes Dias, 166 Conj.: 21, Porto Alegre, RS 90020090 / Brasil

Tel. e Fax. (051) 2122552 e 2257623

venção, além de recomendarem a correção de anomalias, deverão insistir muito especialmente, na adaptação dos edifícios a novos usos, de modo a rentabilizá-los e evitar, assim, a tentação da demolição ou do abandono.

Um exemplo prático da aplicação destes princípios é a *Inventariação Levantamento dos Edifícios e Espaços Urbanos de Origem Portuguesa em Goa, Damão e Diu* que estamos elaborando com o patrocínio do Instituto Cultural de Macau. Pensámos que seria útil proceder a três levantamentos de experiência em que pudéssemos ensaiar métodos e procedimentos.

Começámos por fazer o levantamento do *Largo da Igreja de Margão* que está terminado e de que foi já apresentada uma exposição e um videograma em Margão, Pangim e Macau. Temos também praticamente concluído o levantamento de *Três Largos em Diu*.

Com os trabalhos ainda em curso, dada a extensão do levantamento, temos o *Bairro das Fontainhas em Pangim*. Deste encontra-se concluído um videograma circanual.

Estes levantamentos tiveram uma participação muito activa das comunidades residentes. As Escolas de Arquitectura de Nova Delhi, Goa e Ahmedabad deram-nos a sua colaboração através de professores e alunos. É nossa esperança que, as propostas que fazemos para estes espaços urbanos, junto dos moradores, proprietários e entidades oficiais, possam contribuir para a sua preservação através de uma saudável triagem de possíveis utilizações.

João Ramires Fernandes, arquitecto

MACAU - Razões de um Adiamento

Foi acordado no 6º Encontro CIALP em Luanda, realizado entre os dias 20 e 25 de Outubro de 97, que o 7º Encontro se realizaria em Macau entre os meses de Maio e Setembro de 98, para possibilitar a todos os Colegas que passando em trânsito por Lisboa pudessem visitar a Expo 98, importante exposição mundial, significativa também nos domínios do desenho urbano e da arquitectura. Havia desde o 4º Encontro realizado em 95 em São Salvador no Brasil, um pré-acordo de que o Encontro de 98 seria em Lisboa, consequência da Expo, sendo o do ano seguinte realizado em Macau. No entanto, por vontade veementemente expressa pela Associação dos Arquitectos de Macau (AAM)

nos Encontros de 96 e 97 através dos seus Delegados, porque em 98 haveria garantias de capacidade organizativa e apoios declarados à sua organização naquele território, o que não seria certo no ano seguinte, foi deliberado na Assembleia Geral de Luanda que o Encontro de 98 seria então no Oriente. Após este último Encontro de Luanda, apenas foi possível na 2ª quinzena de Março do corrente ano, com o acordo da Junta Directiva do CIALP, a marcação formal da data de 21 a 25 de Setembro para a realização do Encontro a organizar, portanto, pela AAM. Embora o tenham tentado insistentemente e por diversos meios, para além do tema central e dos seus sub-temas a desenvolverem-se no respectivo Seminário, não foi possível obter por nenhum dos membros da Junta Directiva do CIALP, qualquer resposta ou informação suplementar sobre o Encontro por parte da AAM, até à comunicação do dia 1 do mês de Julho, de que tinham decorrido eleições na associação para o biénio de 1998--2000, de que resultaram novos Corpos Sociais. Na sequente deslocação que fez a Lisboa o colega Carlos Marreiros, novo Presidente da Direcção da AAM e tendo em vista o curto espaço de tempo que haveria para a preparação cuidada do 7º Encontro de Macau, fez a proposta do seu adiamento. Os graves acontecimentos que entretanto atingiram a Guiné-Bissau, com a consequente inoperância da União dos Arquitectos da Guiné-Bissau, e a falta de apoios financeiros que garantissem as representações dos restantes países, designadamente dos africanos, levaram a Junta Directiva a aceitar a proposta de adiamento feita pelo novo Presidente da AAM. Sendo os elementos eleitos da Junta Directiva do CIALP os primeiros a lamentar este adiamento, pedem, particularmente aos colegas que estavam empenhados nesta realização em Setembro, a maior compreensão para a decisão. Em nome do CIALP e do seu progressivo fortalecimento, que é aliás digno de nota, não interessará realizar Encontros "a qualquer preço", sem ter garantias mínimas de representatividade e de qualidade de conteúdos nos domínios cultural e profissional, que são aliás a principal razão de ser deste Conselho Internacional, que se honra de ser precursor da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

CIALP

22 de Julho de 1998

MANTER A MEMÓRIA DO PASSADO CRIAR A MEMÓRIA DO FUTURO

Em reacção ao convite para participar no 7º Encontro CIALP (Macau) o colega João Ramires Fernandes enviou o "esquizzo" de uma comunicação. Por falta de espaço apenas se transcreve o seu capítulo central. Pelo facto pedimos a melhor compreensão do seu autor.

O PRESENTE

A relação entre os acontecimentos e o espaço em que ocorrem é uma característica do comportamento dos seres vivos, individualmente ou em sociedade. Também os acontecimentos humanos, individuais ou sociais, estão intimamente ligados aos lugares.

Os patrimónios que as culturas criaram estão sujeitos aos efeitos entrópicos do abandono e do clima, por um lado, e do *progresso*, pelo outro. A sua destruição, e mesmo a alteração da sua escala, ou do seu carácter, desenraíza ou extingue os acontecimentos. Monumentos reconhecidos como tal e edifícios históricos são naturalmente objecto de atenção por parte das autoridades. Mas o que está a acontecer àqueles preciosos espaços urbanos cujo encanto e valor são criados apenas pela relação que se estabelece entre os edifícios simples que os envolvem? O que está a suceder àqueles exemplares de arquitectura civil que não são suficientemente importantes para que lhes seja atribuído o estatuto de monumentos, mas que contêm em si as referências míticas que os identificam como um exercício de cultura? As mudanças que ocorrem, vêm, por virtude de um crescimento pouco ordenado, ameaçando os equilíbrios anteriores e devastando a paisagem rural e urbana. Estes processos de mudança não regrada trazem consigo efeitos cumulativos imprevisíveis. As referências culturais nas cidades e nas pequenas povoações estão a perder-se ou a ficar sufocadas no meio de novas construções desintegradas do seu contexto. A paisagem rural e a da orla marítima sofrem alterações, por vezes profundas, através da proliferação da habitação disseminada, de empreendimentos turísticos que têm, na maior parte dos casos, uma vida sazonal e sem expressão para a comunidade local durante grande parte do ano. A desinserção dos jovens e a perda ou a ausência de referências espaciais leva-os ao desinteresse e ao vandalismo - destroem o que não lhes diz nada e que os agride como pessoas.

A nostalgia do que já fomos resulta, por vezes,

numa busca inútil das raízes que se perdem com a devastação das estruturas urbanas e da paisagem. Fica a sensação amarga de já não se pertencer a nenhum lugar.

Temos de prevenir, como primeira prioridade, as mudanças irreversíveis que tornem inaproveitáveis as fontes de identificação cultural. Deveremos pôr ênfase no sentido da continuidade de um contexto ambiental baseado na gestão da mudança e do desenvolvimento, mais do que na conservação estática. "A conservação facilmente se transforma em conservadorismo, mantendo as coisas como estão: a paisagem existente, porque estamos habituados a olhá-la, os costumes existentes, a ecologia corrente. No entanto, estes padrões são o resultado de uma contínua mudança anterior e irão mudar de novo" (Lynch, Kevin - 1972, p.105).

Um primeiro e urgente trabalho a fazer deveria ter como objectivos principais:

- sensibilizar as populações e as autoridades para o valor social, histórico e cultural de um património habitualmente considerado menor: - os espaços urbanos e os edifícios que os circundam, mesmo quando estes últimos, por si sós, não justifiquem uma atenção especial. São os objectos arquitectónicos e os conjuntos urbanos com valores eugénicos e de referência em relação a uma cultura que estão aqui em questão.
- criar condições para que estes edifícios e espaços urbanos continuem a exercer o seu papel de catalizadores das culturas neles enformadas.
- organizar um inventário do património a proteger que possa vir a constituir um reconhecimento completo.
- elaborar levantamentos topográficos, geométricos, fotográficos, etc., que permitam guardar a memória do que estes edifícios e espaços foram e hoje ainda são e que possam servir de base, tanto a trabalhos de investigação como de preservação.
- fazer registos fotográficos e videográficos do quotidiano e dos acontecimentos eventuais ou cíclicos que têm lugar nos espaços urbanos e em alguns edifícios, de modo a obter um inventário dos acontecimentos sociais (cívicos, religiosos, políticos, etc.) e da sua recorrência no tempo.

O conceito de "património", para ser aceite por todos, deve constituir um instrumento de progresso e não um agente inibidor da mudança. Neste sentido, as propostas de inter-

COOPERAÇÃO COM ÁFRICA OU A ARQUITECTURA EM QUESTÃO

Reconhecendo que se impõe maior simplicidade e transparência na cooperação com África, a Comunidade Europeia tomou a iniciativa de abrir o debate depois-de-Lomé, a toda uma série de actores não governamentais e, portanto, também às associações profissionais da Europa e dos países ACP.

Europeus e Africanos pretendem ainda ultrapassar a dimensão económica, conferindo uma dimensão política à sua cooperação. Apoiado pela França, Portugal propôs nesse sentido uma cimeira reunindo os chefes de Estado de África e da UE, a qual se deveria realizar, o mais tardar no princípio do ano 2000.

Neste actual contexto, a cooperação dos arquitectos portugueses com os países africanos que falam o português ganha nova relevância e constitui um duplo desafio. É que, ao pretender contribuir para que estes países encontrem o seu caminho face à globalização em marcha, os arquitectos portugueses não podem deixar de se questionar sobre o seu próprio "curso".

Desde logo questionando a sua formação profissional que não confere a adequada preparação para intervir em África, atendendo devidamente às suas particularidades sócio-culturais e ecológicas, no momento crítico em que se encontram.

Que fazer? Criar uma cadeira de "arquitectura tropical"?... Ou mesmo um ramo do Curso de Arquitectura?... Ou será que a arquitectura tropical obriga a questionar todos os cursos de arquitectura; a filosofia que os informa, as relações entre a sensibilidade artística e a racionalidade científica, as relações entre a ordem visual (ou sensível) e a ordem prática da construção e da utilização dos edifícios, das cidades?...

Fausto Simões, arquitecto

DR. LUCIO PATRIMÓNIO UNIVERSAL

É como todos o conheciam.

É como todos a ele se dirigiam. O Saia também. Aprendi com ele.

Uma geração solidária - um objetivo comum. Qualificar o espaço brasileiro, pela história, pelo construído e no a construir. Arquitectura não é "far west". No "far west" quem chega

primeiro é pioneiro, em arquitectura não. Vale a pena relembrar este episódio. Está publicado. Sua lição principal, trajetória de toda a sua vida como homem de cultura: **Forma e conteúdo como uma unidade.**

Não posso afirmar que a lição esteja aprendida. Porém, calma no arraial - a "frescura" do pós-moderno como se referia a ele certa época Dr. Lucio, de tufão que parecia ser, virou uma simples brisa.

Escrevo todos esses fatos de memória e espero que outros colegas me acompanhem. Afinal isto é estória e história e ao Dr. Lucio todos temos uma grande gratidão sempre, pois, quando decidimos seguir a arquitectura já tínhamos tudo isso como vento a favor.

LÚCIO COSTA E A FACULDADE DE ARQUITECTURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Havia o Centro de Estudos Folclóricos que depois originou o Departamento de História. Faziam-se pesquisas, a partir das quais começamos a nos indagar sobre arquitectura moderna, querendo entender melhor o processo no Brasil (até hoje a crítica da arquitectura moderna Brasileira não é muito clara, como não era muito clara na nossa cabeça naquela época). Queríamos conhecê-la com maior profundidade, acreditávamos que conhecendo melhor o seu processo, isso nos ajudaria a caminhar um pouco mais à frente. Começamos então a fazer pesquisas em arquitectura tomando obras de Lucio Costa como ponto de partida. Participavam do Centro, *Gustavo Neves da Rocha Filho, Nestor Goulart Reis Filho, Benedito Lima de Toledo, Júlio Katinsky e eu (alunos na época, atualmente professores)*; começamos a fazer o levantamento da obra de Lucio Costa, desde o período neocolonial até o imediatamente anterior a Brasília. Estiveram conosco nessa empreitada também *Eduardo de Almeida, Ludovico Martino, José Carlos Belucci e Geraldo Vaspasiano Puntoni* e contamos para tanto com o suporte do nosso Grémio da Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Dizíamos, vamos começar pela obra do Lucio, pois se tudo começou lá... Era 1955. Não existia xerox, portanto, tivemos que ir à sede do Jornal "A Noite" no Rio, e ficamos manuscendo, copiando tudo o que havia sido publicado sobre o Aleijadinho, texto de Lucio Costa. Essa série de pesquisas nos possibilitou conhecer, tomar contato com os mais

importantes arquitetos da época. Fomos até o prédio do Ministério da Educação, onde um senhor alto, magro que cuidava do arquivo nos atendeu por indicação de Rodrigo de Mello Franco de Andrade, diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Educação e Saúde (SPHAN), na época. Explicamos que estávamos pesquisando a obra de Lucio Costa, e ele foi muito atencioso com a gente, fornecendo-nos o que tinha de material de pesquisa. Esse senhor era simplesmente Carlos Drummond de Andrade, nosso poeta maior.

Fomos nos inteirando sobre arquitetura moderna brasileira e descobrimos que essa pesquisa estava ocorrendo em vários lugares do Brasil - *Dora e Pedro Alcântara no Rio*, *Alberto Xavier em Porto Alegre* (parte do material editado pela Faculdade de Arquitetura do Rio Grande do Sul foi cedida pelo nosso Grémio) - claro, entre todos nós, jovens, havia grande ciúmeira. Era preciso entender o processo, tínhamos que voltar aos anos 30. É bom lembrar que concomitantemente, as publicações no mundo todo da época, já as tínhamos na nossa biblioteca. O pessoal era informado. Durante a disciplina de Pós-Graduação "O Conhecimento Arquitetônico e a Construção", de meados de 80 dirigida pelo Prof. Flávio Motta, com a minha colaboração, fomos com os estudantes, cerca de vinte, ao Rio de Janeiro para o Grupo de Seminários programados com Alcides da Rocha Miranda, José de Souza Reis e Lucio Costa, no SPHAN no Ministério da Cultura e com Roberto Burle Marx no seu sítio.

Lucio Costa em especial contrariando seu hábito de discrição nos premiou com um depoimento de quase duas horas o que nos deixou todos admirados. Alcides que assistia, contou-nos que ele nunca tinha sido assim. Sorte nossa, ouvimos longamente o mestre dissertando a estória do projeto do Ministério, sobre a placa comemorativa onde ele pediu para inserir na parte final - "Segundo croqui Le Corbusier" - o que dissolveu o mau estar que a distância criada entre a vinda de Corbusier em 36 e a divulgação da obra construída no imediato pós-guerra havia causado. Falou da sua consultoria junto com Gropius, Corbusier e Saarinen (o moço), representando a UNESCO junto aos arquitetos autores do projeto da sede em Paris - Breuer, Zerfuss e Nervi. Contou-nos da influência dos grandes patamares que viu na China, e que

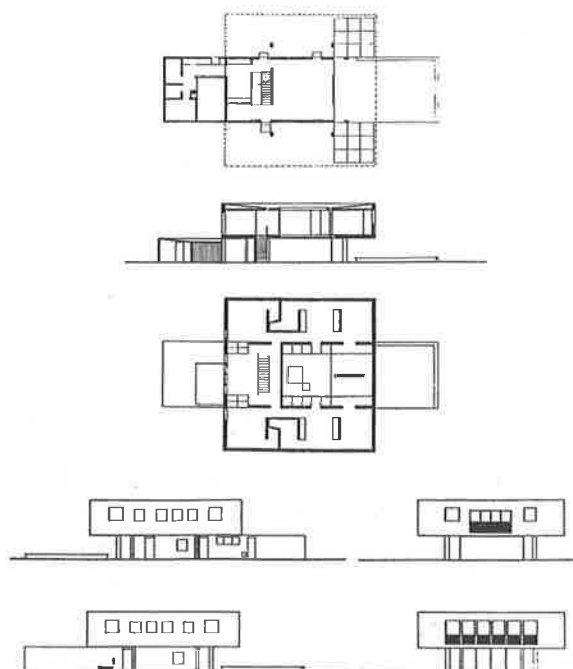
serviram de referência à sua definição da Praça dos Três Poderes em Brasília. Nos contou sobre a sua participação na reunião de preservação dos monumentos de Veneza. E mais ainda. Quase tudo está gravado.

Para mim a tarefa de substituir o Flávio a seu pedido como coordenador desse seminário com o Mestre, me fez tremer nas bases. Quando ele perguntou - "Qual o estilo do Richard Rogers", que não conhecia ainda, falei besteira: disse que era meio "wrigthiano". Acho que não errei tanto, descontado o "high tech". Enfim, por aí foi.

Não foi um privilégio. Foi o privilégio. Dos que cursaram a disciplina alguns até hoje comentam esses seminários com carinho. São ocasiões que nos estruturam. Deixo aqui documentado essas experiências. Repetindo, espero que outros colegas também o façam. Não podemos contribuir por omissão para a perda da memória da nossa arquitetura. Se assim fizermos estaremos simplesmente cooptando as tendências de privilegiar as embalagens, para esconder o seu conteúdo, embaralhando e confundindo os dados do problema.

A luta do mestre sempre foi colocar os dados no seu devido lugar. Sua biografia nos lembra isso. Não se agradece por estas lições, se as usa por toda a existência.

Abrahão Sanovicz, arquitecto



*Arquitecto Lucio Costa
Casa de Brasília, 1960
Projecto para as suas filhas (não construído)*